

LOBO SOLITÁRIO

JODI PICOULT

LOBO SOLITÁRIO

Tradução de
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2016

AGRADECIMENTOS

Tenho a felicidade de estar rodeada de pessoas que me fazem parecer muito mais inteligente do que sou, e todas elas contribuíram para a investigação realizada para este livro. No campo médico, estou em dívida para com o Dr. James Bernat, que passou horas comigo a discutir potenciais traumatismos cranioencefálicos e esteve sempre disponível para responder aos meus *emails* com mais perguntas ainda. Obrigada às assistentes sociais Nancy Trottier e Jane Stephenson, assim como a Sean Fitzpatrick e Karen Lord do Banco de Órgãos da Nova Inglaterra. Jon Skinner disponibilizou-me os custos pormenorizados da assistência médica no New Hampshire. Lise Iwon, Lise Gescheidt, Maureen McBrien e Janet Gilligan são as minhas assistentes jurídicas; Jennifer Sargent não só descobriu espetaculares problemas jurídicos para eu solucionar, como também me pôs em contacto com pessoas como Elizabeth Stanton, que podia ajudar-me a levá-los a bom porto. Obrigada a Doug Irwin por me deixar usar a dica sobre a diferença entre sonhos e objetivos.

Se estamos a falar de bênçãos, tenho de reconhecer o mérito da editora onde me encontro há mais de uma década (sobretudo porque as pessoas que lá trabalham são incríveis): Carolyn Reidy, Judith Curr, Sarah Branham, Kate Cetrulo, Caroline Porter, Chris Lloreda, Jeanne Lee, Gary Urda, Lisa Keim, Rachel Zugschwert, Michael Selleck, e os muitos outros que fizeram de mim literalmente a autora que sou. A máquina publicitária que me promove é uma força a ter em conta: David Brown, Ariele Fredman, Camille McDuffie e Kathleen Carter Zrelak. Uau! É só o que posso dizer. E Emily Bestler...

Ao fim deste tempo todo, ainda não sei como lhe agradecer por tudo o que fez. Felizmente, já chegámos àquele ponto em que conseguimos ler o pensamento uma da outra.

Laura Gross é a segunda relação mais longa na minha vida, a seguir ao meu marido. Como agente, é formidável. Como amiga, é inesquecível. Obrigada por me teres deixado roubar a imagem da mesinha e do banco.

Para a minha mãe, Jane Picoult: talvez todas as mães se sintam subvalorizadas (Deus sabe que às vezes me sinto assim). Mas aqui está o testemunho público de que não é esse o caso. Se pudesse escolher a minha mãe, ter-te-ia escolhido. Obrigada por seres a minha primeira leitora, o meu incentivo incansável e por me dizeres que o pai não conseguiu largar as partes relacionadas com lobos durante a viagem de avião.

Um agradecimento especial a Shaun Ellis. Quando criei a personagem de Luke Warren, um homem que vive no meio dos lobos para os conhecer melhor, não fazia ideia de que já existia alguém assim no mundo real. Shaun escreveu uma biografia, *The Man Who Lives with Wolves*, que convido toda a gente a ler. Ele e a sua mulher, a Dra. Isla Fishburn, bióloga conservacionista, receberam-me em Devon para conhecer as suas alcateias em cativeiro, partilhar a sua experiência e vasto conhecimento sobre estes espantosos animais e para me poder inspirar em fragmentos da vida incrível que tem levado para dar corpo à minha personagem ficcionada. Kerry Hood, a minha agente publicitária britânica, levou-nos simpaticamente de carro, a mim e ao meu filho Jake, até Combe Martin. Nunca esquecerei a forma como Shaun nos ensinou aos três a uivar... e o som de quando as outras alcateias respondiam ao nosso chamamento. Ele é um maravilhoso porta-voz dos seus irmãos lobos e podem encontrar mais informação sobre The Wolf Centre, cuja equipa conta com Shaun, no final deste livro.

Finalmente, como sempre, tenho de agradecer à minha própria alcateia: ao meu marido, Tim; aos meus filhos, Kyle, Jake e Samantha. Tal como acontece com os lobos, eu não seria nada sem todos vocês.

Para Josh, Alex e Matthew Picoult
A vossa tia adora-vos. Imenso.

PRÓLOGO

Todas as histórias são sobre lobos. Todas as que vale a pena repetir, claro. Tudo o resto são baboseiras sentimentais. [...] Pensa nisso. Ou se está a fugir dos lobos, a lutar com os lobos, a capturar os lobos ou a domar os lobos. A ser lançado aos lobos ou a lançar outros aos lobos para que os lobos os comam em vez de nós. A correr com a matilha de lobos.

Transformando-se num lobo. Melhor ainda, transformando-se no chefe dos lobos. Não existem outras histórias decentes.

— Margaret Atwood, *O Assassino Cego* (2000)

LUKE

Em retrospectiva, talvez não devesse ter libertado o tigre.

Os outros foram bastante fáceis: o par de elefantes pesadões e gratos; o macaco-capuchinho assanhado que me cuspiu para os pés quando forcei o cadeado; os cavalos árabes brancos cujo bafo ficou suspenso no espaço entre nós como perguntas sem resposta. Ninguém reconhece suficientemente o mérito dos animais, muito menos os domadores de circo, mas eu sabia que eles iam compreender assim que me vissem no meio das sombras do lado de fora das suas jaulas, e foi por isso que até mesmo os mais barulhentos — os papagaios que tinham sido coagidos a cavalgar as nuvens formadas pelas cabeças ridículas dos caniches — bateram as asas em uníssono enquanto fugiam.

Eu tinha nove anos, e a Espantosa Tenda dos Prodígios de Vladistav tinha vindo a Beresford, no New Hampshire, o que só por si constituía um milagre, já que nunca ninguém vinha a Beresford, no New Hampshire, a não ser esquiadores perdidos e jornalistas durante as primárias presidenciais que paravam para beber café na Ham's General Store ou para ir urinar na Gas'n'Go. Quase todos os miúdos que eu conhecia tinham tentado passar pelos buracos na vedação temporária erguida pelos empregados do circo, para podermos assistir ao espetáculo sem ter de pagar bilhete. E na verdade foi assim que vi o circo pela primeira vez, escondido por baixo das bancadas, a espreitar por entre os pés dos espectadores pagantes, na companhia do meu melhor amigo, Louis.

O interior da tenda tinha estrelas pintadas. Parecia coisa de gente da cidade, pois não tinham percebido que, se desmontassem a tenda, podiam ver estrelas a sério. Eu crescera ao ar livre. Era impossível viver onde eu vivia — na orla da floresta nacional das montanhas Brancas — e não ter passado a

sua quota-parte de noites a acampar e a observar o céu noturno. Se esperássemos que os olhos se adaptassem, parecia uma taça brilhante virada de pernas para o ar, como a vista que se teria do interior de um globo de neve. Fez-me sentir pena daquela gente do circo, que em vez disso tinha de improvisar com desenhos.

Devo admitir que, de início, não conseguia tirar os olhos da casaca vermelha com lantejoulas do mestre de cerimônias do circo e das pernas intermináveis da rapariga que estava na corda bamba. Quando ela fez uma espargata no ar e caiu com as pernas em V sobre o fio, Louis soltou a respiração que estava a sustentar. Corda sortuda, disse ele.

A seguir, começaram a trazer os animais. Primeiro foram os cavalos, a revirar os olhos coléricos. Depois o macaco, enfiado num fato ridículo de pregoeiro público, que subiu para a sela do cavalo que ia à frente e mostrou os dentes à assistência enquanto cavalgava sem parar. Os cães que saltaram através de aros, os elefantes que dançaram como se estivessem num fuso horário diferente, o arco-íris esvoaçante das aves.

Depois, veio o tigre.

Fizeram-lhe uma grande propaganda, é claro. Falaram de como era perigoso e de como não devíamos tentar fazer aquilo em casa. O domador, que tinha um rosto bolachudo e sardento como um pãozinho de canela, ficou no meio da pista enquanto levantavam a porta da jaula do tigre. O tigre rugiu e, mesmo àquela distância, chegou-me o cheiro a carne do seu hálito.

Ele saltou para um pedestal metálico e golpeou o ar. Ergueu-se nas patas traseiras, à ordem do domador. Girou sobre si mesmo, num círculo.

Eu sabia uma ou duas coisas sobre tigres. Por exemplo: se lhes cortássemos o pelo, a sua pele continuaria a ser listrada. E todos os tigres tinham uma marca branca na parte de trás de cada orelha, de tal forma que parecia que nos vigiava, mesmo quando se estava a afastar.

Por exemplo: pertenciam às regiões selvagens. O seu lugar não era ali, em Beresford, enquanto a multidão gritava e aplaudia.

Nesse instante, aconteceram duas coisas. Primeiro, percebi que já não gostava muito do circo. Depois, o tigre olhou diretamente para mim, como se tivesse conseguido localizar antecipadamente o meu lugar.

Eu sabia exatamente o que ele queria que eu fizesse.

Depois do espetáculo da noite, os artistas foram até ao lago atrás da escola primária, para beber, jogar póquer e nadar. Isso significava que a maior

parte das caravanas, estacionadas atrás da grande tenda, estavam vazias. Havia um guarda — uma montanha de músculos com a cabeça rapada e uma argola no nariz — mas estava a ressonar alto, com uma garrafa de vodka vazia ao lado. Entrei à socapa pela vedação.

Mesmo em retrospectiva, não sei dizer porque o fiz. Foi qualquer coisa entre aquele tigre e eu; o conhecimento de que eu era livre, e ele não. O facto de a sua vida imprevisível e selvagem ter sido reduzida a um espetáculo de feira às três e às sete.

A jaula mais difícil de abrir foi a do macaco. Mas consegui abrir a maioria com um picador de gelo que tinha surripiado do bar do meu avô. Soltei os animais rapidamente e sem fazer barulho, ficando a vê-los escapulir-se a coberto da escuridão. Pareciam compreender que a palavra de ordem era discriminação; nem mesmo os papagaios fizeram barulho ao desaparecer.

O último que libertei foi o tigre. Calculei que os outros animais tivessem de ter uns bons quinze minutos de avanço antes de libertar um predador no seu encalço. Por isso, agachei-me em frente da jaula e pus-me a fazer desenhos na terra macia com uma pedra, verificando o tempo pelo relógio de pulso. Estava ali sentado, à espera, quando a Mulher de Barba passou.

Viu-me de imediato. «Ora, ora», disse ela, embora não lbe conseguisse ver a boca no meio das suíças fartas. Mas não me perguntou o que estava a fazer, nem me mandou embora. «Cuidado com os borrifos de urina», disse. Deve ter reparado que os outros animais tinham desaparecido, pois eu não me dera ao trabalho de disfarçar as jaulas e gaiolas abertas e vazias, mas limitou-se a fitar-me durante um longo momento e depois subiu os degraus para a sua caravana. Sustive a respiração, à espera de que ela chamasse a polícia, mas em vez disso ouvi um rádio. Violinos. Quando cantava em coro, tinha uma voz grave de barítono.

Devo dizer que, mesmo passado este tempo todo, ainda me lembro do som dos dentes de metal a engrenar uns nos outros enquanto abria a jaula do tigre. E de como ele se roçou por mim como um gato doméstico antes de transpor a vedação com um único salto. E de como experimentei o sabor do medo, como bolo de amêndoa, quando percebi que quase de certeza ia ser apanhado.

Só que... não fui. A Mulher de Barba nunca falou em mim a ninguém e, em vez disso, quem arcou com as culpas foram os trabalhadores que limpavam os excrementos dos elefantes. Além disso, na manhã seguinte, a vila estava demasiado ocupada a restabelecer a ordem e a capturar os animais à solta.

Os elefantes foram encontrados a chafurdar na fonte da vila, depois de derrubarem uma estátua de mármore de Franklin Pierce. O macaco conseguiu entrar na vitrina das sobremesas do restaurante local e estava a devorar um fantástico bolo de chocolate cremoso quando foi apanhado. Os cães estavam a vasculhar os contentores atrás do cinema e os cavalos tinham-se dispersado. Um foi encontrado a descer a rua principal a galope. Outro foi para as pastagens de um lavrador local, para pastar juntamente com o gado. Um terceiro percorreu mais de quinze quilómetros até uma estância de esqui, onde foi avistado por um helicóptero de emergência médica. Dos três papagaios, dois perderam-se para sempre e um foi encontrado a morrer de calor no campanário da Igreja Congregacional de Shantuck.

O tigre, é claro, tinha desaparecido há muito tempo. E isso constituía um problema, porque um papagaio desertor é uma coisa, mas um carnívoro à solta é outra bem diferente. A Guarda Nacional dispersou-se pela floresta nacional das montanhas Brancas e as escolas no New Hampshire mantiveram as portas fechadas durante três dias. Louis veio à minha casa na sua bicicleta e contou-me os boatos que tinha ouvido: que o tigre chacinara a bezerra premiada do senhor Wolzman, uma criança pequena, o diretor da nossa escola...

Eu não gostava de pensar no tigre a devorar fosse o que fosse. Imaginava-o a dormir no alto de uma árvore durante o dia e, à noite, a guiar-se pelas estrelas.

Seis dias depois de eu ter libertado os animais do circo, um guarda nacional chamado Hopper McPhee, que tinha entrado para a força de segurança apenas uma semana antes, encontrou o tigre. O grande felino estava a nadar no rio Ammonoosuc, ainda com o focinho e as patas ensanguentados em virtude de ter comido um veado. Segundo Hopper McPhee, o tigre voou em direção a ele com intenção de o matar, pelo que teve de o abater a tiro.

Duvido muito disso. Provavelmente, o tigre estava meio a dormir depois de uma refeição daquelas e, seguramente, fome não tinha. Contudo, acredito que o tigre se tenha lançado sobre Hopper McPhee. Porque, como já disse, ninguém reconhece suficientemente o mérito dos animais. E assim que aquele tigre viu que lhe estavam a apontar uma arma, deve ter percebido.

Que ia ter de abdicar do céu noturno.

Que ia voltar a estar preso.

E, então, aquele tigre fez uma escolha.

Se vives entre lobos, tens de agir como um lobo.

— Nikita Khrushchev, primeiro-ministro soviético,
citado no *Observer*,
Londres, 26 de setembro de 1971

PRIMEIRA PARTE

CARA

Segundos antes de a nossa carrinha embater na árvore, lembro-me da primeira vez que tentei salvar uma vida.

Tinha treze anos e acabara de voltar para casa do meu pai. Ou, mais precisamente, as minhas roupas estavam outra vez penduradas no meu antigo quarto, mas nós morávamos numa caravana estacionada na orla norte do Redmond's Trading Post & Dinosaur World, o parque de atrações onde o meu pai tinha as suas alcateias em cativeiro, juntamente com gibões, falcões, um leão com excesso de peso e o *T. rex* animatrónico que rugia de hora a hora. Uma vez que era aí que o meu pai passava noventa e nove por cento do seu tempo, eu acompanhava-o, levando as minhas coisas numa mochila.

Eu pensava que esta alternativa era melhor do que viver com a minha mãe e Joe e os gémeos milagrosos, mas a transição não fora tão calma como esperava. Suponho que me tinha imaginado a fazer panquecas com o meu pai ao domingo de manhã, ou a jogar às cartas com ele, ou a fazer caminhadas na floresta. Bem, o meu pai fazia caminhadas na floresta, mas dentro dos cercados que construía para as suas alcateias, e estava atarefado a *ser* lobo. Rebolava na lama com *Sibo* e *Sobagnv*, os lobos gama; mantinha-se longe de *Pekeda*, o beta da alcateia. Comia da carcaça de um vitelo ladeado por lobos, com as mãos e boca ensanguentadas. O meu pai acreditava que infiltrar-se numa alcateia era muito mais educativo do que observá-la de longe, como faziam os biólogos. Na altura em que fui viver com ele, já tinha conseguido que cinco alcateias o aceitassem como membro autêntico — digno de viver, comer e caçar com eles, apesar de ser humano.

Por causa disso, havia umas quantas pessoas que o consideravam um génio. As outras achavam que era louco.

No dia em que deixei a minha mãe e a sua nova família, o meu pai não estava propriamente à minha espera de braços abertos. Encontrava-se num dos cercados com *Mestawe*, que estava prenhe pela primeira vez, a tentar estabelecer uma relação com ela, esperando ser escolhido como ama das suas crias. Até dormia lá, com a sua família lupina, enquanto eu ficava acordada até tarde e corria os canais da televisão de uma ponta à outra. A vida na caravana era solitária, mas pior era estar isolada numa casa vazia.

No verão, a região das montanhas Brancas enchia-se de visitantes que iam da Santa's Village à Story Land e ao Redmond's Trading Post. Porém, em março, aquele *T. rex* estúpido rugia para um parque temático deserto. As únicas pessoas que lá ficavam na época baixa eram o meu pai, que cuidava dos seus lobos, e Walter, um tratador que substituíra o meu pai quando ele lá não estava. Parecia uma cidade-fantasma, por isso comecei a deambular junto aos cercados depois de sair da escola — suficientemente perto para *Bedagi*, o lobo controlador, andar de um lado para o outro no interior da vedação, habitando-se ao meu cheiro. Via o meu pai abrir uma cova para *Mestawe* dar à luz na sua toca e, enquanto isso, contava-lhe sobre o capitão de futebol que tinha sido apanhado a fazer batota, ou a rapariga que tocava oboé na orquestra da escola e que começara a usar cafetãs, correndo o boato de que estava grávida.

Em troca, o meu pai dizia-me por que razão estava preocupado com *Mestawe*: ela era uma jovem fêmea, e o instinto só funcionava até certo ponto. Não tinha tido um modelo que pudesse ensiná-la a ser boa mãe e nunca tivera uma ninhada. Às vezes, uma loba abandona as crias simplesmente porque não sabe o que fazer.

Na noite em que *Mestawe* deu à luz, parecia estar a fazer tudo de acordo com as regras. O meu pai comemorou abrindo uma garrafa de champanhe e deixando-me beber um copo. Eu queria ver os bebés, mas ele disse que só apareceriam passadas semanas. Até mesmo *Mestawe* permaneceria na toca durante uma semana inteira, alimentando as crias de duas em duas horas.

Mas apenas duas noites mais tarde, o meu pai despertou-me com um safanão.

— Cara, preciso da tua ajuda.

Enfiei à pressa o casaco de inverno e as botas e segui-o até ao cercado onde *Mestawe* estava na toca. Só que não estava. Andava a vaguear, o mais longe possível das suas crias.

— Tentei tudo para fazê-la voltar lá para dentro, mas ela não foi — disse o meu pai em tom neutro. — Se não salvarmos as crias agora, não teremos uma segunda oportunidade.

Desapareceu na toca e saiu de lá segurando dois ratos minúsculos e engelhados. Pelo menos, era o que pareciam, de olhos fechados, a contorcer-se na mão dele. Passou-mos para as mãos; eu enfiei-os dentro do meu casaco enquanto ele tirava as últimas duas crias. Havia uma que parecia estar pior do que as outras três. Não se mexia; em vez de rabujar, soltava uns pequenos sopros de vez em quando.

Segui o meu pai até um barracão que ficava atrás da caravana. Enquanto eu dormia, ele tinha atirado as ferramentas todas para cima da neve; agora, o chão lá dentro estava coberto de feno. No interior de uma pequena caixa de cartão, estava um cobertor macio aos quadrados vermelhos que eu conhecia da caravana.

— Põe-nos lá dentro! — ordenou o meu pai, e eu assim fiz.

Uma garrafa de água quente debaixo do cobertor tornava-o tépido como uma barriga; três das crias começaram imediatamente a farejar por entre as pregas. A quarta cria estava fria ao toque. Em vez de pô-la ao lado dos irmãos, voltei a enfiá-la no meu casaco, junto ao coração.

Quando o meu pai voltou, trazia biberões cheios de *Esbilac*, que é como leite para bebé, mas para animais. Estendeu a mão em direção à pequena loba que eu tinha nos braços, mas não consegui separar-me dela.

— Eu alimento os outros — disse ele, e enquanto eu persuadia a minha a beber uma gota de cada vez, os três que ficaram a seu cargo beberam o biberão até ao fim.

Alimentávamos as crias de duas em duas horas. Na manhã seguinte, não me vesti para ir para a escola e o meu pai não agiu como se estivesse à espera de que eu o fizesse. Era uma verdade implícita: o que estávamos a fazer ali era muito mais importante do que qualquer outra coisa que eu pudesse aprender numa sala de aulas.

Batizámo-las ao terceiro dia. O meu pai achava que criaturas indígenas deviam ter nomes indígenas, por isso os nomes de todos os seus lobos provinham da língua dos abenaquis. *Nodab*, que significa «Ouçam-me», foi o nome que demos à maior de todas, uma bola de energia preta e barulhenta. *Kina*, ou «Olhem para mim», era a cria desordeira, que se emaranhava em atacadores ou ficava presa debaixo das abas da caixa de cartão. E *Kita*, ou «Escutem», ficava para trás a observar-nos, sem perder pitada.

À sua irmãzinha dei o nome de *Miguen*, «Pena». Havia alturas em que bebia tão bem como os irmãos e eu acreditava que ela tinha passado a fase crítica, mas depois sentia o seu corpo ficar flácido na minha mão e tinha novamente de esfregá-la e pô-la dentro da camisa para a manter quente.

Estava tão cansada de ficar levantada dia e noite que já nem via bem. Às vezes, dormia de pé, passando uns minutos pelas brasas antes de voltar a acordar em sobressalto. Andava o tempo todo com *Miguen*, de tal forma que os meus braços pareciam vazios quando não a tinha neles. Na quarta noite, quando abri os olhos depois de dormir, o meu pai estava a olhar para mim com uma expressão que eu nunca tinha visto no seu rosto.

— Quando nasceste, também não te largava — disse.

Duas horas depois, *Miguen* começou a tremer sem parar. Supliquei ao meu pai que se metesse no carro e fosse a um veterinário, ao hospital, a alguém que pudesse ajudar. Chorei tanto que ele enfiou as outras crias numa caixa e levou-as para a velha carrinha. A caixa estava pousada entre nós no banco da frente e *Miguen* tiritava por baixo do meu casaco. Eu também estava a tremer, embora não soubesse bem se estava com frio ou apenas receosa daquilo que se avizinhava.

Quando chegámos ao parque de estacionamento da clínica veterinária já ela tinha morrido. Eu soube assim que aconteceu; tornou-se mais leve nos meus braços. Como um casulo.

Comecei a gritar. Não suportava pensar em *Miguen*, morta, tão perto de mim.

O meu pai levou-a dali e embrulhou-a na sua camisa de flanela. Fez desaparecer o corpo no banco de trás da carrinha, onde eu não teria de vê-la.

— Na natureza, não teria durado um dia — disse ele. — Tu foste a única razão para ela ter ficado tanto tempo entre nós.

Se era para me fazer sentir melhor, não fez. Irrompi em soluços convulsivos.

De repente, a caixa com as crias de lobo estava no tabliê e eu estava nos braços do meu pai. Ele cheirava a hortelã-verde e a neve. Pela primeira vez na vida, compreendi por que razão ele não se conseguia libertar da droga que era a comunidade dos lobos. Em comparação com problemas como este, de vida e morte, que importância tinha não terem ido buscar a roupa à lavanderia ou ele ter-se esquecido da data em que a escola abria as portas à noite para os pais?

O meu pai contou-me que, na natureza, uma mãe loba aprende as suas lições da forma mais difícil. Mas em cativeiro, onde os lobos apenas se reproduzem uma vez a cada três ou quatro anos, as regras são diferentes. Não se pode ficar de braços cruzados e deixar morrer uma cria.

— A natureza sabe o que quer — disse o meu pai. — Mas isso não torna as coisas mais fáceis para nós, pois não?

Há uma árvore junto à caravana do meu pai no Redmond's, um ácer-vermelho. Plantámo-la no verão a seguir à morte de *Miguen*, para marcar o local onde está enterrada. É o mesmo tipo de árvore que, quatro anos mais tarde, vejo agigantar-se rapidamente em direção ao para-brisas. O mesmo tipo de árvore em que a nossa carrinha embate de frente, naquele instante.

Está uma mulher ajoelhada ao meu lado.

— Está acordada — diz ela.

Tenho os olhos molhados da chuva, cheira-me a fumo e não consigo ver o meu pai.

Pai?, digo, mas só consigo ouvir a palavra na minha cabeça.

Sinto o coração a bater no lugar errado. Baixo os olhos para o ombro, onde consigo senti-lo.

— Parece ter uma fratura da omoplata e talvez tenha umas quantas costelas partidas. Cara. Chama-se Cara?

Como é que ela sabe o meu nome?

— Teve um acidente — diz-me a mulher. — Vamos levá-la para o hospital.

— O meu... pai... — pronuncio a custo. Cada palavra é como uma faca no meu braço.

Viro a cabeça para tentar encontrá-lo e vejo o bombeiro a usar a mangueira para tentar extinguir a bola de chamas em que a carrinha se transformara. A chuva no meu rosto não é chuva, apenas gotículas do jato de água.

De repente, lembro-me: a teia formada pelo para-brisas partido; a traseira da carrinha a resvalar; o cheiro a gasolina. Não ter obtido resposta quando gritei pelo meu pai. Começo a tremer dos pés à cabeça.

— É incrivelmente corajosa — diz-me a mulher. — Arrastar o seu pai para fora do carro no estado em que está...

Uma vez, vi uma entrevista em que uma adolescente tinha levantado um frigorífico de cima do seu primo pequeno quando este caiu acidentalmente sobre ele. Tinha qualquer coisa que ver com a adrenalina.

Um bombeiro que me estava a tapar a vista move-se e consigo ver outro grupo de técnicos de emergência reunidos à volta do meu pai, que está deitado imóvel no chão.

— Se não fosse a Cara — acrescenta a mulher —, o seu pai podia não estar vivo.

Mais tarde, hei de perguntar a mim mesma se aquele comentário será a razão para ter feito tudo o que fiz. Mas, agora, começo apenas a chorar. Porque sei que as palavras dela não podiam estar mais longe da verdade.